

Mordaça na arte e na imprensa

Regime militar cortava peças, proibia músicas e vetava divulgação de notícias

Ana Branco/14-3-2001

• O dramaturgo Augusto Boal dirigia o espetáculo "Arena canta a Bahia", no Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo, em 1965. No elenco, os baianos Caetano Veloso, Gilberto Gil, Bethania, Tom Zé e Gal Costa. Irritados com algumas canções, os censores determinavam todos os dias o corte de uma ou outra música. Passadas alguns semanas, de tantos cortes que sofreu, o repertório do elenco já estava esgotado, o que inviabilizaria as apresentações seguintes.

— Cheguei para o censor um dia e disse: se você cortar mais uma, vou incluir duas em inglês, que você não terá como cortar". Ele disse: quais? Eu falei: "Happy birthday to you" ("Parabéns pra você") e "God save the queen" ("Deus salve a rainha"). O censor desistiu dos cortes aquele dia — diz Boal, que foi preso, torturado e exilado durante o regime militar.

Boal foi um dos artistas que mais tiveram obras censuradas pelos militares. Ele conta que, em 1968, a censura cortou nada menos que 60 das 80 páginas de uma peça que escrevera com outros autores. Em outras, menos páginas foram censuradas. Mas os cortes eram justamente de trechos cuja retirada impedia a apresentação.

— A ditadura era terrorista. Se você fosse declamar a ave-maria, eles achavam que podia ser uma subversão — conta o dramaturgo.

A repressão procurava proibir tudo aquilo que considerava uma ofensa ao regime e à moral. No cinema, o filme "Macunaíma, o herói sem caráter", de 1969,

dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, sofreu 14 cortes. Já "Os herdeiros", de Cacá Diegues, foi proibido em 1969, por atentar contra a segurança nacional, na avaliação do chefe da censura. O cineasta Neville D'Almeida teve filmes que nunca foram autorizados: "Jardim de guerra" (1968) e "Piranhas do asfalto" (1970).

— Foi um momento muito difícil para um artista, ainda mais nos primeiros filmes. Mas eu pensava: esse é o meu momento e não vou deixar de fazer nada por causa da censura. Por causa dessa postura, tive muitas dificuldades — diz Neville.

O filme "A dama do loteação", de Neville, teve oito minutos de corte. Já "Rio Babilônia" (1982), 16 minutos. Na música, Chico Buarque começou a ter problemas com a censura em 1966, quando "Tamarandê", que fazia parte do repertório do show "Meu refrão", do grupo MPB-4 e de Odette Lara, foi proibida por seis meses. A censura considerou que a música apresentava frases ofensivas à Marinha.

O quarto LP de Chico, que trazia a música "Apesar de você", em 1970, chegou a ser lançado, vendendo cem mil cópias, mas logo depois foi censurado, e os exemplares, recolhidos. Um compacto duplo de Caetano Veloso lançado em



1968, que incluía a música "A voz do morto", foi censurado e recolhido.

Jornais, revistas e outras publicações também estiveram sob censura. Em 1970, o governo publicou o decreto 1.077, que instituiu a censura prévia a livros e revistas. Mas, já em 1964, fuzileiros navais invadiram o "Jornal do Brasil" e dispararam tiros para o alto. Em 1972, a imprensa foi proibida de veicular notícias da Anistia Internacional. Cinco anos depois, edições do jornal "Tribuna da Imprensa" foram apreendidas por causa da publicação de uma entrevista com o empresário Antônio Ermírio de Moraes, que defendia a liberdade de imprensa.

BOAL: "A ditadura era terrorista"

CHICO

BUARQUE: alvo da censura já em 1966

“

Se você fosse declamar a Ave Maria, eles achavam que podia ser uma subversão

Augusto Boal, sobre a censura no regime militar